

Da Baiana ficará sem dúvida a lembrança mais poética das minhas explorações no Brasil.

Só a ressurgência da Angélica em 94 poderia rivalizar com... Mas a sombra de Patrícia (esse anjo de destino trágico) escurecerá sempre um pouco a lembrança dessa exploração.

Extraído de: A (crônica) de Baiana.

PELAS CORES DA DAMA BAIANA

BENOÎT LE FALHER
GROUPE SPÉLÉO BAGNOLS MARCOULE

 descoberta das grandes represas de travertino e a dificuldade da progressão dentro da grande galeria, pelas primeiras equipes, são uma surpresa para nós. Não estávamos acostumados a isso na Bahia.

Sentia isso interiormente como uma última luta entre a gruta (a prometida) e os exploradores, esses novos conquistadores do novo mundo vindos com seu clamor, seu furor e suas máquinas (de guerra?).

Isso não combinava muito comigo e detonava com o início dessa curiosa aventura.

Até então, Baiana nos deixou descobri-la sem dificuldade para nossos olhos de crianças maravilhadas (Marc, Pedro, Gilles, Benoît).

Ingênua, ela se mostrava sem máscara e sem afetação, apenas as pálpebras discretamente cobertas de algumas pinturas com formas misteriosas, deusa de alguns escuros povos esquecidos.

Não podia tomar a decisão de forçá-la como um soldado.

Se ela levava vantagem assim é porque, em parte, queria preservar uma jóia. E como eu a conhecia isso só podia ser para ela uma espécie de Eldorado pelos poetas e os sonhadores.

Tendo a experiência da sua luta que eu julgava perdida antes de ter começado, resolvi ficar do seu lado (meu lado "Dom Quixote") e com espírito de um cavaleiro Cervantes, enquanto ela batalhava para conservar sua virtude, eu lançava meu assalto amoroso em direção às alturas, rumo a essas regiões desconhecidas.

Levava nessa aventura três companheiros de infortúnio:

- Olivier, o fiel entre os fiéis e companheiro de inúmeras aventuras.

- Christian, meu "Sancho Pança" brasileiro, sempre sorridente, que me havia adotado, não sei por qual obscura razão.

- Regina, guerreira Amazona, sem dúvida, seduzida por nossas vitórias passadas e nossas silhuetas soberbas.

Relação de uma epopéia

Dirigimos num ritmo acelerado rumo à entrada da Baiana, junto com as outras equipes.

Nossos dois amigos brasileiros esperavam, sem dúvida, uma pequena parada, e me avisaram, mas não foi possível, porque este dia não era um dia como os outros. Cada minuto contava. Tivemos uma missão quase divina. Íamos para a montanha "livrar aquela que eu amo, se ainda não for tarde demais..." (Prévert – La Chanson du Geôlier), a carinhosa Baiana.

Meus companheiros não sabiam disso, mas eu não podia divulgar meu segredo, que deveria ficar entre ela e mim.

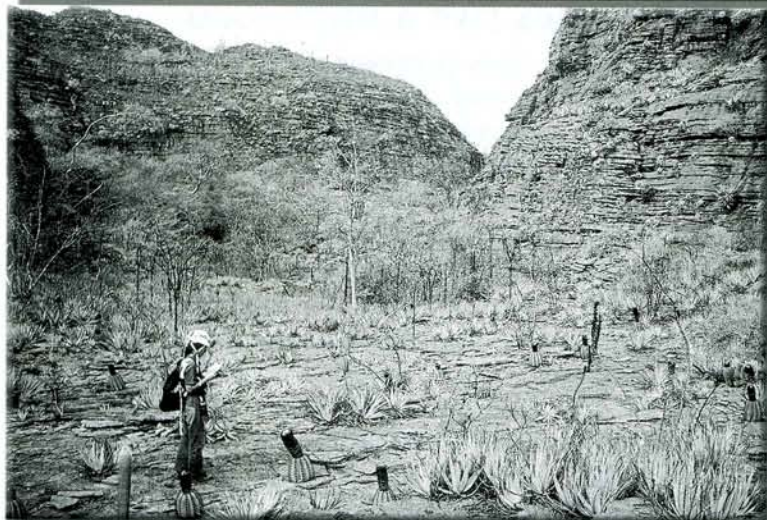
Passando ao lado dela dei só uma olhada rápida. Daqui embaixo ela era "colère". O melhor era me fingir de pequeno, passar despercebidamente. Naquele dia, suas pinturas me pareciam "pinturas de guerra".

Subimos o cânion, que se afunilava e se achatava mais e mais. Visivelmente, nenhum humano, desde os longínquos índios, havia



Expedição Bahia 2001

Fotos: Flávio Chaimowicz e Vitor Moura



vindo a esta área. Não havia esboço de qualquer caminho. A grandes golpes de facão penetrávamos no estreito vale, ziguezagueando por entre os obstáculos, os cactos gigantes e as grandes árvores, abatidas por umas tempestades ciclopeanas. O ritmo da progressão era ao mesmo tempo lento e de uma regularidade impressionante. Revezos, sem interrupção, com Olivier, e atrás eu sentia nossos amigos um pouco medusados, surpresos (?).

Atingimos enfim o ponto alto, cobertos de espinhos, mas transcendidos pela nossa busca.

Diante de tanto heroísmo

nossa Amazona, de grande coração, com sua suave mão nos libertou desses punhais acerados e de nossos tormentos.

Como esperávamos, a descida natural das águas não se dirigia mais rumo à Baiana (a entrada baixa), mas em direção a um ponto desconhecido, situado diante de nós. Será que íamos enfim recortar o cânion hipotético observado nas fotos aéreas por Marc e Pedro?

Perdidos, no meio dessa vegetação densa e urticante, escalamos um pico de lapiás para poder observar a paisagem em volta.

De lá nossa surpresa foi

grande ao ver, a uns 10m de nós, a abrupta parede de um amplo abismo.

Aproximamo-nos do seu lábio: o poço era enorme, o lugar totalmente mágico. Ficamos lá estonteados. A Baiana nos revelou enfim sua magnificência, sua beleza sobrenatural. Um abismo a pique de 60m de profundidade e de igual largura se ofereceu aos nossos olhos. As beiras dessa abertura eram ornadas de lapiás retalhados, verdadeira renda de rocha. Esta dama (ou esta "demoiselle") se mostrava aqui vestida de seus mais belos adornos, de seus siderantes ruge-ruges minerais.

Meus valentes (Olivier, Christian e Regina)

me ajudaram a sair do abismo
dependurado na minha corda.

Guinchado por eles tive a impressão
de voltar dois séculos no passado
(uma curiosa mistura de
Jules Verne e Martel).

Prospecção na área da Gruta Baiana
Foto: Jean François Perret



Subimos no pico precedente porque a descida do abismo se tornou impossível, pela falta de equipamento de prospecção adequado. Na nossa opinião só podia tratar-se de uma grande “clarabóia”, precedendo o famoso cânion.

Uns 100m mais adiante, um grande plano inclinado nos permitiu descer numa nova fratura. Não encontramos ainda o cânion, mas uma nova “clarabóia” de dimensões mais humanas, mas sempre numa paisagem extraordinária. Descemos rapidamente uns 40m esperando poder, enfim, penetrar na galeria da Baiana.

Mas desembocamos numa pequena plataforma suspensa acima de uma última vertical. Tínhamos somente uma pequena corda de 12m e nenhum equipamento para subir.

Uns metros mais abaixo distingi uma outra plataforma mais acessível. Equipei-me, rapidamente, de uma fraca correia de equipamento como cadeirinha, desci sobre os dois únicos mosquetões curtos disponíveis.

Causa perdida, após esse último plano não havia mais como descer mais fundo sem mosquetão, a parede era lisa, sem aspereza. Mesmo a nossa pequena corda não bastava. Observava com um pouco de remorso quinze metros abaixo a galeria subjacente, verdadeira alameda cavaleira, larga, seca e plana. O chão era coberto de pequenas ondas de argila condensadas, confirmando a passagem do rio durante as épocas de chuvas. A todo momento estava na expectativa de ver as outras equipes saírem da boca visível na parte inferior, a conclamar a sua vitória.

Meus valentes (Olivier, Christian e Regina) me ajudaram a sair do abismo dependurado na minha corda. Guinchado por eles tive a impressão de voltar dois séculos no passado (uma curiosa mistura de Jules Verne e Martel).

Essa exploração foi adorável, surpreendente e mágica. Eu me revi criança explorando o terreno baldio vizinho, inventando mil paisagens, mil aventuras mais loucas umas que as outras... Mas aqui a imaginação era supérflua porque tudo era novo, tudo era maravilhoso, tudo era aventura.

Para completar o quadro, Christian não cessava de me interpelar lançando grandes e sonoros “Captaine”, isso me lembrava o “capitão Silver” na Ilha do Tesouro de Stevenson. Será que ele também se tinha deixado invadir por essa atmosfera encantadora? Por pouco ele teria conseguido me fazer enrubescer de prazer. Não ousei lhe pedir explicações por essa expressão, de medo de romper o charme do momento.

Será que foi uma associação de idéias ou uma impulsão? Antes de sair decidi mandar uma mensagem às equipes que não deviam mais tardar a chegar. Tive a firme convicção de que a luta era desigual demais, entre a bela e a equipe do aventureiro. A mensagem estava cuidadosamente embalada numa sacolinha colorida, resto de nosso frugal almoço. O pacote, lastrado por uma pedra, como uma garrafa no mar, foi jogado por Olivier. Ele seguiu uma curva graciosa antes de cair no chão da galeria. Mesmo Stevenson não poderia ter sonhado melhor. Subimos rapidamente à superfície na busca do cânion tão esperado.

Após alguns atalhos no meio de um lapiás desmantelado e lunar, acabamos por encontrá-lo. Ele era tão magnífico como as duas “clarabóias”. Larga chanfradura com as paredes em leve elevação, dourado pelo concrecionamento, essa área era grandiosa.

As duas paredes, como duas pernas entreabertas sobre regiões misteriosas, deixavam entrever no centro, 50m mais abaixo, uma vegetação luxuriante, verdadeiro pêlo (pubiano?)

A prometida se deixou, enfim, inteiramente revelar.

Ela era ainda mais bela que nos meus sonhos...

Mas idêntica a uma jovem moça (virgem?) amedrontada.

Nesse dia ela não nos permitiu nada.

Não nos autorizou nada.

Senão a olhar para ela.

Poetas de um dia,
apaixonados por ela,
nós a deixamos,
o coração conquistado pela bela
e por tantas maravilhas.

Distribuindo a multidão
vegetal, estupefata,
longas fitas de “scotch light”
a título de auriflama.

Epílogo

De volta ao acampamento ficamos sabendo que a equipe de exploração, encarregada da exploração da gruta, após ter vencido a zona das grandes represas de travertino, teve de dar uma reviravolta ao encontrar poços subindo e um sifão repugnante.

Se ela existir, a passagem deveria se fazer então pelo alto...

Sorri interiormente.

Baiana selvagem e obstinada venceu seu combate.

Nesse dia, ela ofereceu seu coração e seu corpo à equipe dos sonhadores.

Fiquei todo maravilhado por tal presente.

“Pomba minha,
que se aninha aos vãos
do rochedo,
na fenda dos barrancos...
Deixe-me ouvir a sua voz,
Pois a sua face é tão formosa
e tão doce a sua voz!”

(“Bíblia”

Cântico dos Cânticos 2:14).



Baiana restera sans doute le souvenir le plus poétique de mes explorations au Brésil.

Seule la résurgence d'Angelica en 94 aurait pu rivaliser avec... mais l'ombre de Patricia (cet ange au triste destin) ternira toujours un peu le souvenir de cette exploration.

Tiré de: La "geste" de Baiana

Pour les couleurs de
dame Baiana

Benoît Le Falher
Groupe Spéléo
Bagnols Marcoule

Prologue

La découverte des grands gours par les premières équipes et leur difficulté de progression dans la grande galerie nous avait tous surpris. Nous n'étions pas habitués à cela dans la Bahia.

Je le ressentais intérieurement comme un dernier combat entre la grotte (la promise) et les explorateurs, ces nouveaux Conquistadors du Nouveau Monde, venus avec leur clameur, leur fureur, leurs machines (de guerre?).

Cela ne me convenait guère et ne cadrait pas avec le début de cette curieuse aventure.

Jusqu'à présent Baiana s'était offerte sans difficulté à nos yeux d'enfants émerveillés (Marc, Pedro, Gilles, Benoit).

Ingénue, elle s'était montrée sans fards et sans colifichets, la paupière juste rebaussée de quelques peintures aux formes mystérieuses, déesse de quelques sombres peuplades oubliées.

Je ne pouvais me résoudre à la forcer tel un soudard.

Si elle résistait ainsi, c'est que quelque part elle voulait préserver un joyau. Et la connaissant, cela ne pouvait être qu'une sorte d'Eldorado pour les poètes et les rêveurs.

En observant son combat, que je pensais perdu d'avance, je m'étais mis de son bord (mon côté "Don Quichotte") et, avec l'âme d'un chevalier servant, pendant qu'elle bataillait pour sa vertu, mes élans amoureux se dirigeaient vers les hauteurs, vers ces contrées inconnues.

J'entraînais dans cette aventure trois compagnons d'infortune:

- Olivier le fidèle d'entre les fidèles et protagoniste d'innombrables aventures.

- Christian, mon "Sancho Pança" brésilien, toujours souriant, qui m'avait adopté pour je ne sais quelle obscure raison,

- Regina, guerrière Amazone sans doute éblouie par nos faits d'armes et nos silhouettes altièrès.

Récit d'une épopée.

C'est à un rythme soutenu que nous nous dirigeons vers l'entrée de Baiana avec les autres équipes.

Nos deux amis Brésiliens aimeraient sans doute faire une petite pause et me le font savoir. Mais aujourd'hui ce n'est pas possible car ce jour n'est pas un jour comme les autres, chaque minute compte. Nous avons une mission quasi divine à accomplir. Nous allons dans la montagne "délivrer celle que j'aime, si il est encore temps ..." (Prévert : La chanson du Géolier), la tendre Baiana.

Mes compagnons ne le savent pas. Mais je ne peux pas leur vendre la mèche, c'est un secret entre elle et moi.

En passant à côté d'elle, je lui jette juste un regard en coin. D'où je me tiens, d'en bas, elle est "colère". Il vaut mieux se faire tout petit, se faire oublier. Aujourd'hui, ses peintures me semblent être des "peintures de guerre".

Nous remontons le canyon qui s'évase et s'aplatit de plus en plus. Visiblement, plus aucun humain ne s'aventure plus dans cette zone depuis les indiens de jadis. Il n'y a pas l'ombre d'un chemin. A grands coups de machettes, nous nous enfonçons dans l'étroite vallée, zigzaguant entre les obstacles, les cactus géants et les grands arbres abattus par quelques tempêtes cyclopéennes. Le rythme de la marche est à la fois lent et impressionnant de régularité. Nous nous relayons sans interruption avec Olivier. Et derrière, je sens nos amis un peu médusés, surpris peut-être.

Nous finissons tout de même par atteindre les hauteurs, couverts d'épines mais transcendés par notre quête. Devant tant d'héroïsme, de sa douce main, notre Amazone au grand cœur nous libère de ces poignards acérés et de nos tourments.

Comme nous l'envisagions, la pente naturelle des eaux ne se dirige plus vers Baiana (l'entrée basse) mais vers un point inconnu, situé devant nous. Allons-nous enfin recouper l'hypothétique canyon observé sur les photos aériennes par Marc et Pedro ?

Perdus au milieu de cette végétation dense et urticante, nous escaladons un pic lapiazé pour apercevoir le paysage environnant.

Quelle n'est pas notre surprise de constater qu'à quelques dizaines de mètres de nous se trouve l'abrupte paroi d'un vaste gouffre.

Nous approchons jusqu'à sa lèvre. Le puits est énorme. Le site est totalement magique. Nous en restons tous médusés. Baiana nous dévoile enfin ses appâts, nous livre sa beauté surnaturelle. Un à pic de 60 m de profondeur, et autant de largeur, s'offre à nos yeux. Les bords de cette ouverture sont festonnés de lapiaz déchiquetés, véritable dentelle de roche. Cette dame (ou cette demoiselle?) est ici parée de ses plus beaux atours, de ses plus sidérants frous-frous minéraux.

Nous remontons sur le pic précédent car la descente du gouffre est impossible avec notre maigre équipement de prospection. Il ne peut s'agir, à notre avis, que d'une grande "claraboia" précédant le fameux canyon.

Quelques centaines de mètres plus loin, un grand plan incliné nous permet de descendre dans une nouvelle cassure. Ce n'est toujours pas le canyon mais une nouvelle "claraboia" aux dimensions plus humaines, mais dans un paysage toujours aussi extraordinaire. Nous dévalons rapidement la pente sur une quarantaine de mètres en espérant pouvoir enfin prendre pied dans la galerie de Baiana.

Mais nous débouchons sur une petite plate-forme surplombant une dernière verticale.

Nous n'avons qu'une petite corde de 12 m et aucun équipement de remontée.

Quelques mètres en contrebas, j'aperçois une autre plate-forme accessible. Je me pare rapidement d'une piètre sangle d'équipement qui me tiendra lieu de baudrier, et j'entreprends cette descente sur les deux seuls mousquetons disponibles.

Peine perdue, après ce dernier replat, il n'y a plus moyen de descendre plus bas sans agrès, la paroi est lisse, sans aspérités. Même notre petite corde ne suffirait pas. A quinze mètres sous moi, c'est avec un certain regret que j'observe la galerie sous jacente, véritable allée cavalière, large, sèche, et plane. Le sol est couvert de petites vagues d'argile figées, confirmant le passage de la rivière lors des périodes humides. Je m'attends à tout moment à voir les autres équipes sortir du porche visible, à l'aval, en clamant leur victoire.

Mes preux (Olivier, Christian et Regina) me retirent du gouffre suspendu à ma corde. Tracté par eux, j'ai l'impression d'être revenu deux siècles en arrière (un curieux mélange de Jules Verne et de Martel).

Cette exploration est de celles que j'aime : surprenante, magique.

Je me revois enfant explorant le terrain vague voisin, inventant mille paysages, mille aventures toutes plus folles les unes que les autres... Mais ici, l'imagination est superflue, car tout est neuf, tout est merveilleux, tout est aventure.

Pour parfaire le tableau, Christian ne cesse de m'interpeller par de grands et sonores "Cap'taine". Cela me fait penser au "capitaine Silver" dans l'île au Trésor de Stevenson. Est-il lui aussi gagné par cette atmosphère enchanteresse? Pour un peu, il me ferait rougir de plaisir. Je n'ose pas lui demander l'explication de cette expression, de peur de rompre le charme du moment.

Est-ce dû à une association d'idées ou à une impulsion? Toujours est-il qu'avant de rebrousser chemin, je décide de transmettre un message aux équipes qui ne devraient pas tarder à arriver. J'en ai la ferme conviction: le combat est par trop inégal entre la belle et l'équipe de baroudeurs. Le message est soigneusement emballé dans un sachet coloré, vestige de notre frugal déjeuner. Le colis lesté par un caillou, tel une bouteille à la mer, est lancé par Olivier. Il suit une courbe gracieuse et vient s'échouer sur le sol de la galerie. Même Stevenson n'aurait pu rêver mieux.

Nous remontons rapidement à la surface à la recherche du canyon tant espéré.

Après quelques détours au sein d'un lapiaz démantelé et lunaire, nous finissons par le dénicher.

Il est tout aussi magnifique que les deux "claraboias".

Constitué d'une large échancrure aux parois en léger surplomb, doré par le concrétionnement, ce site est grandiose.

Les deux murailles, comme deux jambes entrouvertes sur des contrées mystérieuses, laissent entrevoir au centre, 50 m plus bas, une végétation débordante, véritable toison (pubienne?).

La promesse s'est enfin totalement dévoilée.

Elle est encore plus belle que dans mes rêves...

Mais telle une jeune fille (pucelle?) effarouchée,

aujourd'hui elle ne nous a rien permis,

ne nous a rien autorisés, sinon la regarder.

Poètes d'un jour, amoureux d'elle,

nous repartons le cœur conquis par la belle et par tant de merveilles

distribuant à la foule végétale stupéfaite de longs rubans de "scotch light" à titre d'oriflamme.

Epilogue:

De retour au camp, nous apprenons que l'équipe d'exploration envoyée dans la grotte, après avoir vaincu la zone des grands gours, avait dû faire demi-tour sur des puits remontants, et un siphon rebutant.

Le passage, si toutefois il existe, se fera donc par le haut...

Je souris intérieurement.

Baiana, farouche et obstinée, a gagné son combat.

Aujourd'hui, elle s'est offerte de cœur et de corps à l'équipe des rêveurs.

Je suis tout émerveillé d'un tel présent.

"Lève-toi, mon amie

Ma belle, et viens

Ma colombe, qui gît dans les fentes du rocher.

En des retraites escarpées,

Fais-moi voir ton visage

Fais-moi entendre ta voix.

Car ta voix est douce

Et charmant ton visage"

("la Bible")

Cantiques des Cantiques 2, 14) 

Jean François Perret

